

O VASCO DE 44

(Na página dupla)

O GLOBO
SPORTIVO

Falam os
dirigentes
sobre os
problemas
do esporte
(Na pág. 13)

≡
PENTA-
campeões,
os
mineiros

(O certame
brasileiro de
natação infan-
to-juvenil, nas
páginas 10,
11 e 12)

≡
ZAGO — É um
dos elementos com
que conta o Vasco,
para a temporada
de 44.



**Domíngos es-
treiou vencendo**

(Reportagem do jogo Co-
rinthians x Flamengo, nas
páginas 6 e 7 -----)

**O que eu gosto
e o que eu não
gosto no esporte**

(Fala Bastos Padilha) --

**Acabou o tempo da
"bola no buraco"...**

(Reportagem sobre a mu-
dança de tática, nas pági-
nas 14 e 15) -----)

DERROTADO O FLUMINENSE PELO SÃO PAULO F. C.



Ataque sampaulino à defesa tricolor

S. PAULO, fevereiro (especial para O GLOBO SPORTIVO) — Perante grande assistência, mediram forças ontem, no estádio do Pacaembu, as seguintes equipes principais do Fluminense F. C. dessa capital e no São Paulo F. C., campeão paulista de 43. O tricolor local saiu-se airoso deste compromisso, já que logrou abater seu tradicional e bravo co-irmão metropolitano, pela significativa contagem de dois goals a zero.

ARRECAÇÃO VULTOSA

O match, que, entre parentesis, de atração só apresentava a presença de Barrios, despertou enorme interesse no publico. E uma prova disso está na arrecadação registrada pelas bilheterias da grande praça de esportes Cr\$ 170.997,00 foi a cifra anunciada. Deve-se acrescentar, no entanto, que os associados sampaulinos não pagaram ingresso.

UMA NOVIDADE

O Fluminense se apresentou em campo com seus jogadores numerados duplamente, quer dizer, no peito e nas costas. De Batatais a Noronha, os visitantes podiam ser identificados por algarismos bem visíveis. Trata-se de uma aplicação européia, muitas vezes ensaiada, no Brasil, mas sem êxito.

A novidade causou enorme sucesso entre os espectadores.

NO GRAMADO OS DOIS QUADROS

Já com o publico impaciente, as equipes atravessaram o túnel para a refrega. O São Paulo teve as honras da recepção, surgindo assim constituído: King — Piolin e Florindo — Procopio, Zarzur e Noronha — Barrios, Sastre, Leonidas, Remo e Parda.

Os visitantes surgiram logo depois com esta constituição: Batatais — Norival e Renganeschi — Vicentino (Bioro), Spinelli e Bigode — Adilson, Magnones, Russo (Maracaj), Tim (Invernizzi) e Noronha.

SASTRE: 1.º GOAL

O Fluminense chegou a ensaiar uma reação, no que foi contido atualmente pela intermediaria dos campeões, secundada em bom estilo pelos full-backs. E o jogo ia assim caindo já na nervosidade de uma expectativa que não se concretiza nunca, quando Sastre aos 37 minutos, recebendo um passe clássico, de calcanhar, da direita, despachado por Barrios, emendou o couro com segurança.

O tempo inicial finalizou sem que se tivesse verificado qualquer outra alteração no marcador.

MAIS DISPOSTO O FLUMINENSE

O reinício do prelio mostrou um Fluminense menos apático. Efectivamente, os comandados de Russo recommearam a contenda decidida e perigosamente. Houve um "quase goal" na cidadela de King, mas o perigo passou. Noronha, sem fisico e sem convicção, dentro de um quadro clássico, continuava, no entanto, a permanecer ausente do jogo. O match entrou numa fase de magnifico equilibrio, mas o São Paulo voltou a assenhorear-se do gramado e

BARRIOS ELEVOU A CONTAGEM

De fato, ao primeiro avanço serio dos locais, e por intermedio de Zezé Procopio, Barrios, depois de bater Bigode na corrida, emendou fulminantemente, assinalando o segundo ponto dos seus. Isso, aos 14 minutos de refrega do 2.º half-time.

DE DOMINADORES A DOMINADOS

Seguiu-se a esse ponto desesperada reação do team carioca. Os sampaulinos, por alguns momentos, atraram-se, descontroladamente à defensiva, mas o São Paulo, a pouco e pouco, foi tomando pé, até sustentar o jogo no circulo do gramado. Magnones e Maracaj estiveram em ação, obrigando King, de longe, a defesas arriscadas.

O árbitro, João Etzel, atuou a contento.

A cabeça não se ajeita.

O antigo campeão dos parques públicos, e atualmente campeão nacional de "singles" em "courts" de cimento —

Eis uma esplêndida política de boa vizinhança.

Seymour Greenberg, o "canhoto" de Chicago, é um dos mais aperfeiçoados tenistas do país —

Greenberg infligiu a Segura o "bola de jogo" do Equador, a primeira derrota do ano, em Southampton.

ASTROS DA RAQUETE

S EYMOUR GREENBERG construiu a propria moldura que devia figurar no quadro de honra dos grandes tenistas mundiais, ao derrotar Francisco Pancho Segura, do Equador, na grama do Southampton Meadow Club. Foi aquela a primeira derrota sofrida pelo pequeno e "grande tenista dos Andes no ano corrente.

Greenberg, campeão nacional dos Estados Unidos, em pista asfaltada, não parece exibir as mesmas virtudes em pista gramada — era o que se pensava, até que ele mesmo pôs por terra a teoria, ao conseguir o triunfo espetacular sobre o "ás" equatoriano, justamente nesta última especie de "courts".

Seymour tratou Segura de igual para igual, secundando-o em velocidade e arroj. Os tiros do canhestro de Chicago foram demasiadamente violentos para os arremessos a duas mãos do equatoriano.

O campeão americano cortou o caminho de Francisco Segura para a gloria do campeonato de "singles" dos Estados Unidos, ou, pelo menos, tornou a ascensão menos facil de que foi algumas semanas passadas. Uma coisa ficou provada: o "furor"

equatoriano pode ser batido e isto ficou cabalmente demonstrado por Greenberg.

Greenberg é um produto dos parques públicos de tennis dos Estados Unidos. Em 1942 venceu, pela primeira vez, o campeonato nacional em pistas cimentadas, mantendo o titulo este ano.

QUEDA DOS CABELOS

JUVENTUDE ALEXANDRE

DA VIDA E VIGOR

O GLOBO SPORTIVO — Diretores: Roberto Marinho e Mario Rodrigues Filho. Gerente: Henrique Tavares. Secretario: Ricardo Serran. Redação, administração e oficinas: rua Bethencourt da Silva, 21, 1º andar, Rio de Janeiro. Preço do número avulso para todo o Brasil: Cr\$ 0,40 — Assinaturas: anual, Cr\$ 20,00. Semestral, Cr\$ 12,00

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

É Soltará da Cama Disposto para tudo

Seu figado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00

DIÁLOGOS IMPOSSÍVEIS

FINALMENTE, Flavio, eu fiquei livre de você. Você precisa perder a mania de perseguição, Nandinho. Eu não tenho mania de perseguição. Mas, que você me botou na cerca, botou.

- Botei, quando? Quando não podia mais.
- Eu sei que você não me suportava.
- Suportava, Nandinho. Isto é, suportei.
- Você só me suportou uns tempos porque eu era o Nandinho das cabeceiras.
- Exatamente, Nandinho. Enquanto você jogou bem, eu escalei você.
- Você vai ver agora como se joga.
- Mesmo se eu quisesse não podia ver você jogar.
- Mas você ha de ler os jornais de São Paulo.
- Aliás, Nandinho, eu não quero mal a você. Pelo contrário: se você jogar bem, tanto melhor.
- Vê lá se eu engulo essa.
- Diga-me uma coisa. Nandinho: por que cargas d'agua eu ia desejar que você desse para trás?
- Ora, Flavio. Eu no lugar de você não gostaria que um jogador que eu mandasse embora abafasse em outro clube.
- Se fosse num clube do Rio, Nandinho, ainda vá lá. Em São Paulo eu não me importo.
- Você diz isso agora.
- Ora, Nandinho. Se você tomar o lugar de Leonidas, eu até mandarei um telegrama de felicitações para você.
- Telegrama não interessa.
- Eu sei que você não anda atrás de telegrama.
- E depois, nem eu pretendo tomar o lugar de Leonidas.
- Pois era o que você devia pretender.
- Eu não sou mascarado, Flavio.
- Você não quer passar de ser o Nandinho?
- Não.
- Você acha que basta ser o Nandinho?
- Acho.
- Então, eu tenho pena de você.
- Você acha pouco ser Nandinho?
- De certo.
- O Nandinho já deu cartas, Flavio. Era o Nandinho para cá, o Nandinho para lá.
- Era.
- E vai voltar a ser.
- Para voltar a ser Nandinho, você precisava meter os peitos.
- Eu vou meter os peitos.
- Quando o adversario estiver longe.
- Você não vai querer que eu enfrente o bico de chuteira.
- Hoje, o jogador tem de enfrentar bico de chuteira, Nandinho.
- Eu jogo é com a cabeça.
- A cabeça só não resolve. E muito menos quando o jogador pensa na familia.
- Atrás disso eu não vou.
- Por isso o Flamengo vendeu você.
- O Flamengo me vendeu porque encontrou quem me comprasse.
- Não comece a contar vantagem, Nandinho.
- Então você quer negar que o Corinthians me quis?
- O Corinthians quis adoçar a boca do Dario.
- Comigo?
- Com você, com trinta e cinco contos.
- Se foi para adoçar a boca do Dario ou não, Flavio, não me interessa. O que me interessa é que eu fiquei livre de você.
- Eu é que devia perguntar, Nandinho: por que você tem tanta raiva de mim?
- Era só o que faltava você perguntar uma coisa dessas.
- Por que?
- Porque quem me barrou foi você.
- Não fui eu, foi Peracio.
- Se você não escalasse Peracio, eu ainda estaria jogando no Flamengo.
- Não estaria.
- Por que não estaria?
- Porque quando ficou sem o Peracio o Flamengo mandou buscar Alarcon.
- Mandou buscar Tião, só para não botar você no team.
- Mais uma prova de que você não me suportava.
- Eu posso gostar muito de uma pessoa, Nandinho. Mas nem por isso vou botar um amigo, só porque é meu amigo, no team do Flamengo.
- No nosso caso, você não me botou porque era contra mim.
- Você não tem memoria, Nandinho. Então você não se lembra que eu aguentei você até o fim?
- Na hora agá, você me tirou do team.
- Eu tirei você do team porque o Flamengo precisava ganhar o campeonato.
- Comigo o Flamengo ganharia o campeonato.
- Nem sonhando. Quem decidiu o campeonato foi Peracio.
- Sorte.
- Você não vai dizer que ia marcar três goals contra o Botafogo.
- Três, eu não digo. Mas, quem sabe? Talvez um. E' como o jogo foi a zero não precisava tanto goal.
- O Peracio marcou três goals, Nandinho, porque meteu os peitos.
- Eu vi Peracio recuar do Ivan, ir para o meio do campo.
- E você entrou logo no lugar dele.
- Para você me tirar.
- Eu tirei porque você não aprendeu a lição de Peracio.
- Quem gosta de mim sou eu, Flavio.
- E por isso você se cuida tanto, fica lá atrás, quer jogar futebol de salão.

O QUE EU GOSTO É O QUE EU NÃO GOSTO NO ESPORTE

(Fala Bastos Padilha)



BASTOS Padilha representa a fase em que o rubro-negro adquiriu maior popularidade no país, merecendo o título de "o clube mais querido do Brasil". Mas a atuação do prestigioso sportman não se cingiu às fronteiras do bi-campeão de terra e mar; projetou-se em todo o cenário esportivo nacional, prestando a este serviços inestimáveis. Padilha foi um dos líderes das "especializadas" e durante toda a luta permaneceu à testa do seu clube e fiel à causa das "especializadas", num devo-tamento sem limites. Amanhecia no clube e era o último a sair. Sob sua direção funcionaram 23 seções esportivas e todo o esporte da cidade sofreu o benéfico influxo de seu dinamismo e espírito de iniciativa. E', portanto, um elemento autorizado a responder à nossa "enquete", constituindo suas respostas o fruto de uma vasta e bem orientada experiência.

O que eu não gosto

Inicialmente o reporter quis conhecer as impressões do antigo presidente sobre as administrações atuais. O que ele desaprovava? A resposta veio pronta:

— Um presidente de clube deixar a parte administrativa para fazer politica esportiva; quando um presidente de clube se dedica ao football profissional e abandona os esportes amadores; quando um presidente de clube só vê como finalidade em seu programa o campeonato, pois julga ter mais valor partidas esportivas onde reinem a cordialidade, a disciplina e a cortesia de um vencido cumprimentando o vencedor. Quando o campeonato traz esses três elementos, aí o título de campeão é honroso. Do contra-

rio seria preferível a derrota, desde que fosse conservado o espirito de esportividade.

Nosso entrevistado fala com absoluta franqueza, pondo os pontos nos ii.

— Que mais que desaprovo? Quando um presidente não dirige um clube administrativamente e tem em mira só o campeonato; quando um clube pleiteia uma vitoria fora dos campos esportivos; quando um clube abandona seus atletas que praticam esportes de menor projeção; quando os dirigentes dos clubes desrespeitam o árbitro em campo, pois o lugar de julgamento das boas ou más atuações do referee é dentro das entidades; quando um jogador ou um teta abandona a competição esportiva por indisciplina.

O que eu gosto

No seu contacto com dirigentes, associados, torcedores, atletas; nas competições, nos "casos" e na direção e participação em grandes campanhas, Padilha viu muita coisa que estava errada. Mas apesar disso o esporte tem lhe proporcionado muitas alegrias e se fizermos um balanço, verificaremos que o nosso entrevistado não se arrependeu de sua experiência.

— Eu gosto de ver um clube organizado, disciplinado e com vontade de crescer, despertando simpatias pelo modo como disputa suas competições esportivas, pelo modo com que trata seus atletas, e associados para, como recompensa, ouvir do público: "o clube mais querido do Brasil"; gosto de ver a lealdade dos atletas entre si; de ver as seções esportivas dentro de um clube estimularem-se e seus componentes torcerem pela vitoria de seus companheiros; gosto da cordialidade dos clubes entre si; combaterem-se no campo, esportivamente, sem-se com respeito; gosto de ouvir um hurra antes da partida, e o mesmo hurra depois da partida, do vencedor ao vencido, em sinal de respeito e amizade; gosto de ver a bandeira de meu clube flamejar; de ver a bagada, numa luta renhida, de varios barcos de out-rigger a 8; gosto quando um clube esportivo, quer representando um Estado, quer representando o Brasil, tenha deixado após sua partida, sentimentos de admiração e amizade, fortalecendo assim a cordialidade esportiva; gosto de ver os atletas apresentarem-se rigorosamente uniformizados, guardando nos campos esportivos; gosto de ver um atleta zeloso pelo material do clube; de ver um atleta sempre de ânimo forte, transpondo dificuldades, que possam surgir dentro do seu treinamento, invariavelmente bem humorado e dando estímulo aos demais companheiros; gosto de ver os diretores estimular os atletas, dando-lhes assistência, após a pugna esportiva e incentivando-as para futuras competições; é o conforto moral; gosto de ver um atleta caprichoso, constante no seu treinamento e apresentando-se defendendo as cores de seu clube e o seu proprio nome no auge de seu treinamento; gosto de ver um atleta conscio de seus deveres, exercitando-se para bem de sua saúde, para boa representação de seu clube e para tornar-se forte e digno de sua patria.

Plano Quinquenal para o Football Carioca

III CAPÍTULO

MODALIDADES PARA MODIFICAR A ORGANIZAÇÃO DO CAMPEONATO METROPOLITANO — A DUPLICIDADE DE PREÇOS —

Grandes jogos somente nos grandes estádios — Uma forma definitiva — Interdição imediata — Uma sugestão científica

ESTE é o 3º capítulo do "Plano Quinquenal" ideado pelo Vasco da Gama, ora em mãos do presidente Vargas Neto, supremo dirigente da Federação Metropolitana de Football. Temos tido oportunidade e satisfação de expor uma parte do projeto nascido do espírito de Ondino Viera e que tudo indica, contando, como conta, com o apoio do gremio cruzmaltino, terá ganho de causa na entidade cidadina.

Hoje passaremos ao que o grande plano denomina de "Modalidades para modificar a organização do campeonato metropolitano". Diz a exposição vascaína:

"Das quatro fórmulas apresentadas para a modificação do campeonato, duas devem merecer a atenção dos legisladores: o campeonato por zonas, mantendo a ordem atual, e disputar os jogos de grandes públicos exclusivamente nos grandes estádios.

O campeonato por zona importaria na classificação do Fluminense, Flamengo, Botafogo América, São Cristóvão e Vasco na zona urbana, enquanto que Madureira, Canto do Rio, Bangú, Bonsucesso Olaria e outro clube que seria classificado na zona suburbana, o qual desta forma, passaria a contar com seis agremiações, número igual ao da outra.

O campeonato seria disputado em três turnos e sua definição se procederia mediante um cómputo à guisa de "melhor de três" entre os vencedores das duas zonas mencionadas.

DUPLICIDADE DE PREÇOS

Elevando-se os preços das entradas nos jogos da zona central e diminuindo as entradas da zona suburbana, atingir-se-ia uma melhor política administrativa. Atrair-se-ia mais racionalmente o público, enquanto que, em consequência disso, as rendas acabariam se elevando naturalmente pelo sistema de compensação.

Se compararmos as possibilidades das datas correspondentes a um torneio de três turnos, disputados exclusivamente nos grandes estádios, com as dezoito datas que compreendem a atual organização, disputado em grandes e pequenos estádios, poderemos deduzir, sem nenhum medo de errar, que a média de mil cruzeiros por jogo, como se verificou em 43, facilmente poderá ser duplicada.

O interesse geral pelo campeonato e pelo proprio football ficaria altamente beneficiado, garantindo melhores rendas para os chamados grandes clubes. Quanto aos da zona suburbana, com o acréscimo do público devido a uma melhor política na fixação dos preços, não não obterão rendas inferiores às que atualmente se registam.

A organização do campeonato por zonas aparece, assim, como uma fórmula satisfatória para transformar o panorama desportivo e financeiro do certame metropolitano.

GRANDES JOGOS SOMENTE NOS GRANDES ESTÁDIOS

A fórmula de marcar todos os jogos de grandes públicos, exclusivamente nos grandes estádios, é um imperativo moral, social e financeiro. A organização deste mesmo programa, mantendo-se a ordem atual com a só diferença que os clubes grandes disputam os programas dos torneios com os clubes menores nos estádios destes clubes, é apenas uma conciliação para garantir que os jogos do campeonato sejam disputados exclusivamente nos gramados de acomodações relativas.

UMA SUGESTÃO CIENTÍFICA

Pode, portanto, modificar-se a atual organização do campeonato metropolitano:

- Estabelecendo o campeonato por zonas;
- Não estabelecendo este regime, mas marcando os jogos de grandes públicos exclusivamente nos grandes estádios, ou melhor: abolindo os estádios menores para os grandes jogos;
- Conciliando-se esta fórmula, fixando-se os jogos relativos aos torneios nos estádios dos clubes menores e os do campeonato, propriamente dito, nos grandes estádios;
- Estabelecendo, dentro de qualquer destes sistemas, o regime das promoções entre zonas.

OS GRAMADOS — REFORMAS

E' notório que, sem um bom gramado, jamais se poderá oferecer ao público bom espetáculo de football. Sem embargo, este básico e fundamental detalhe está tão abandonado entre nós, que, pode-se afirmar, que nem no Rio, nem em São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Bahia ou Pernambuco, que são os centros principais do football nacional, existe um só gramado que esteja em perfeitas e completas condições técnicas.

NEM O PACAEMBU...

Aliás, para ser mais positivo, nem sequer esse templo do football brasileiro, que se chama Pacaembu, conserva condições exigidas para que nele se desenvolva um espetáculo tecnicamente perfeito.

SEM NIVEL, SEM GRAMA, ETC.

Desnivelados, sem grama, cheios de mato esburacados, duros como cimento armado, sem canalização, além disso, dedicados algumas vezes a finalidades contrárias para as quais foram criados.

A estes males e deficiências, temos de juntar os das disparidades de suas medidas, que chegam a apresentar entre o largo e o estreito de uns e outros campos mais de dez metros de diferença.

Não é possível desenvolver, certamente, o padrão técnico e tático sobre a base da bola no solo. "Furadas" espetaculares dos defensores "driblings" que se perdem, bolas que não chegam a seu destino, porque, em face das imperfeições do gramado acabam por ser mal chutadas, goals feitos que se erram e grandes vaias do público — eis as consequências lógicas e imediatas dessas anormalidades.

INTERDIÇÃO — EIS O REMÉDIO

Interditar imediatamente todos os campos que não estejam em condições técnicas, levar aos clubes os planos de reforma, fiscalizar a execução das obras e estabelecer o regime de fiscalização, também, para interditar a qualquer momento qualquer campo que perca sua condição ou suas condições consideradas fundamentais, são medidas urgentes que a Federação Metropolitana não pode deixar de tomar para a temporada de 1945.

NOVO TABELAMENTO DE PREÇOS DE INGRESSOS

Entre os muitos aspectos de nosso football que não evoluíram paralelamente a outros, devemos citar o de sua política administrativa e financeira.

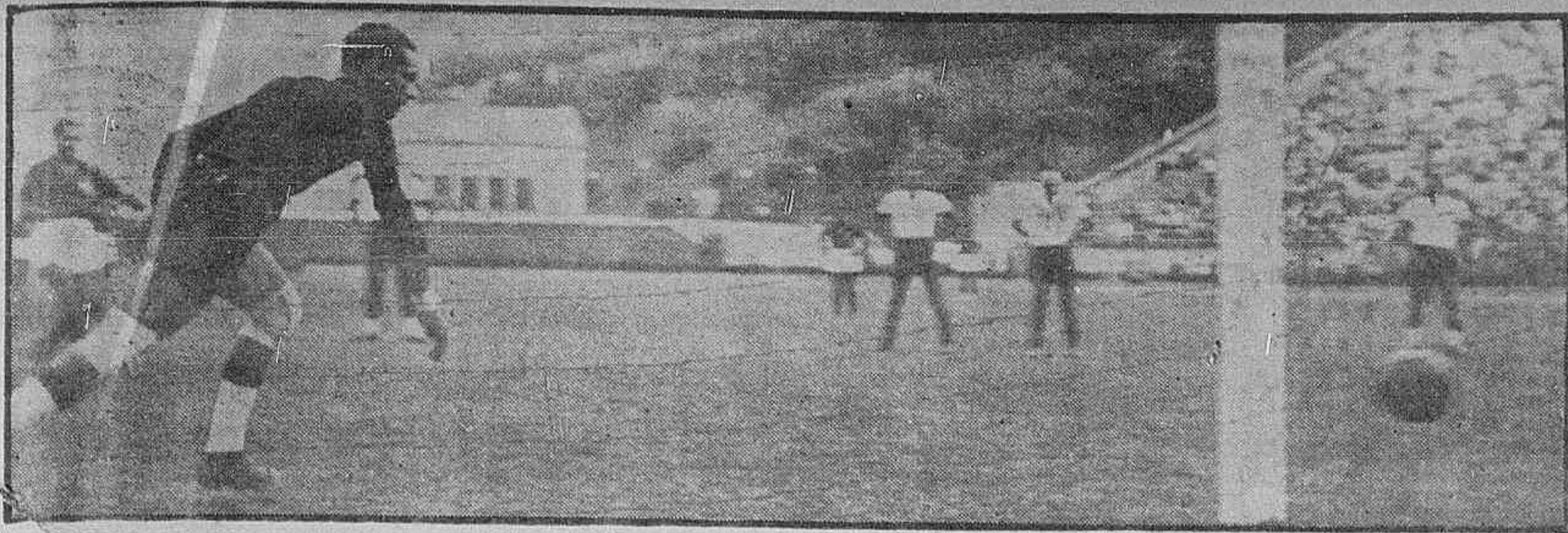
Os preços das arquibancadas e gerais são os mesmos, trata-se de um programa secundário, de um torneio comum ou de um programa central, de calendario oficial. Tratando-se de um jogo onde intervêm grandes e pequenos clubes, jogue-se em um dos grandes estádios, dentro de relativas comodidades, meios de condução e conforto.

Com a política dos preços, discriminando a importância dos programas e o comodidade dos estádios, os espetáculos se valorizam automaticamente.



O esporte preferido do presidente

O PRESIDENTE Getúlio Vargas sempre manifestou predileção pelo golf. Todas as vezes em que consegue uma folga nos seus múltiplos afazeres, procura um campo para a prática do seu esporte favorito. Em Petrópolis, não interrompendo a sua atividade governamental, pois no Rio Negro continua a despachar, normalmente, com os ministros de Estado e demais diretores de departamentos subordinados à presidência da República, e a conceder audiências a todos que o procuram — o Sr. Getúlio Vargas também vai ao golf. Domingo pela manhã, o presidente da República dirigiu-se à Fazenda Santo Antonio, do industrial Argemiro Machado, na estrada Itaipava-Teresópolis, para jogar golf. Em companhia dos Srs. Ruy Lowndes e Jorge Bouças e do proprietário da magnífica vivenda, até à tarde, o chefe do Governo disputou uma partida — a primeira este ano, em Petrópolis — que teve a duração de dezoito lances, dividida em dois tempos.



•
•
Aos dois segundos da peleja, Domingos fez foul em Vevê, praticando penalty. Pirillo bateu a falta, mas foi infeliz, pois a pelota passou longe do arco —

Mesmo desfalcado, o bi-campeão carioca chegou a estar vencendo de 2x0

2 Para a segunda fase o Flamengo voltou a campo com Tião no lugar de Jacy, enquanto o Corinthians veio com o mesmo onze, até com Milani, positivamente um elemento que não disse o que foi fazer em campo, tal a sua negatividade. Aos vinte e dois minutos entrou Eduardinho, mas o substituído foi Nilo que vinha atuando bem. Até nessa altura o Corinthians manteve supremacia territorial, mas nada conseguiu de prático, menos pela segurança da defesa rubro-negra do que pelo descontrolo dos atacantes alvi-pretos. Uma tentativa inútil, que acabou de irritar e desapontar os "fans" do Corinthians, muitos dos quais abandonaram o estádio, numa demonstração flagrante de descrença nas possibilidades do seu onze. Mas aos 24 minutos surgiu o tento número um dos paulistas, obtido por Agostinho. Milani recolheu o couro, avançou, preparou o chute, mas cedeu a vez a Agostinho, que, na corrida, acertou em cheio as redes.

MOMENTOS DRAMÁTICOS — ATE' DOMINGOS ATIRA A GOAL!

O Corinthians opera nova alteração no seu ataque, fazendo entrar Walter na ponta esquerda, deslocando-se Hercules para o comando da ofensiva. E o alvi-negro em peso se lança à ofensiva, num esforço gigantesco para tentar o empate. Momentos dramáticos se desenrolaram, com o alvi-negro em peso no ataque e o rubro-negro se defendendo como um leão, acossado dentro da sua cidadela. Houve um momento, num ataque corinthiano, que a bola tocou seguidamente duas vezes na trave e duas vezes foi desviada por Newton e Biguá quase ao transpor a linha de goal! E para culminar, um lance em que Domingos, avançando, recebendo a bola, investiu e chutou a goal, recebendo tremenda manifestação da torcida.

VITÓRIA NO DERRADEIRO MINUTO — CORINTHIANS 3x2!

Não desanimou o Corinthians diante da resistência desesperada dos rubro-negros, ganhando até, pelo contrario, maior estímulo. A alteração operada no ataque, com Hercules transformado em chefe dos artilheiros, duplicou-lhe o ímpeto ofensivo, levando-o a concentrar o seu jogo dentro da area rubro-negra, obrigando Biguá, Luiz e Artigas a verdadeiros prodígios. O goleiro, então, foi um espetáculo, constituindo-se a figura culminante do onze carioca, nada lhe desmerecendo os goals que o bateram e que afinal significaram a vitória do Corinthians. Uma vitória obtida no derradeiro minuto, mais expressiva e grata aos corinthianos, por isso. O empate, que contentava ao Corinthians, como resultado final, precipitou-se aos 40 minutos, por obra de Agostinho, numa carregada de Servílio, atraindo os zagueiros. O ponta entrou cruzado e atirou sem apelo para Luiz. Finalmente, aos 44 minutos, Servílio e Hercules trocaram entre si a pelota, servindo o meia a Walter, que se internou area a dentro, bateu Artigas e Newton na corrida e chutou quase sem ângulo, mas com violência suficiente para alcançar o seu objetivo. 3x2 para o Corinthians, após encerrar o primeiro tempo perdendo de 2x0 e quase desacreditado pelo mau desempenho do seu ataque, até a saída de Milani. Uma vitória brilhante, nítida e justa, se atentarmos que o juiz não validou um tento indiscutível de Agostinho, no fim do primeiro tempo. Mas o Flamengo, mesmo batido, merece elogios, porque desfalcado, lutou como um bravo, caindo de pé. Quer dizer, tanto foi digno o Corinthians na vitória como valoroso o Flamengo na derrota.

RENDA E TEAMS

Embora o Pacaembu se apresentasse completamente lotado e tendo os socios do Corinthians pago ingresso, a renda não satisfaz, arrecadando as bilheterias apenas a importância de Cr\$ 173.973,00. Os dois quadros formaram assim:

CORINTHIANS — Bino; Domingos da Guia e Beffomini; General, Brandão e Dino; Agostinho, Servílio, Milani (Hercules), Nino (Eduardo) e Hercules (Walter).

FLAMENGO — Luiz Borracha; Artigas e Newton; Biguá, Bria e Jayme; Nilo, Jacy (Tião), Djalma, Pirillo e Vevê (Jarbas).

**"Manjares... Música... Alegria...
que formidável se
houvesse MALZBIER!"**

Levemente adocicada, saborosa e rica em valiosos princípios nutritivos — a Malzbier da Brahma, feita à base de malte selecionado, aumenta o poder alimentício de qualquer refeição. Ao almoço, lanche ou jantar, peça Malzbier da Brahma para fazer uma refeição completa. É uma bebida que a todos agrada.

Malzbier
da
Brahma
COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANONIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA

O VASCO



ADEMIR



ELGEN



TRIASA



PETRONIO

PARECE castigo, não há dúvida e, por isso mesmo, muitas histórias se têm contado a respeito. Inclusive aquela famosa do Arubinha, que teria enterrado um copo no gramado de São Januário para "atrasar" a vida do Vasco durante doze anos. O fato, porém, é que todo ano o Vasco não olha despesas, e abre à larga os cordões da sua bolsa para comprar grandes jogadores, ou pelo menos jogadores chamados "grandes", contratar técnicos de renome, faz enfim todo o esforço para apresentar-se no campeonato em condições de correr firme para o título máximo. No entanto, há muito tempo que o clube de São Januário não consegue alcançar nem um segundo lugar nos campeonatos da cidade. Isso, contudo, não tem servido de empecilho para que o Vasco reproduza sempre o mesmo esforço, em cada início de temporada. Até que um ano esse esforço há de ser, forçadamente, recompensado e então acabar-se-ão as histórias de mandingas e feitiços que pesam sobre o esquadrão das camisas negras.

44 COMEÇOU BEM

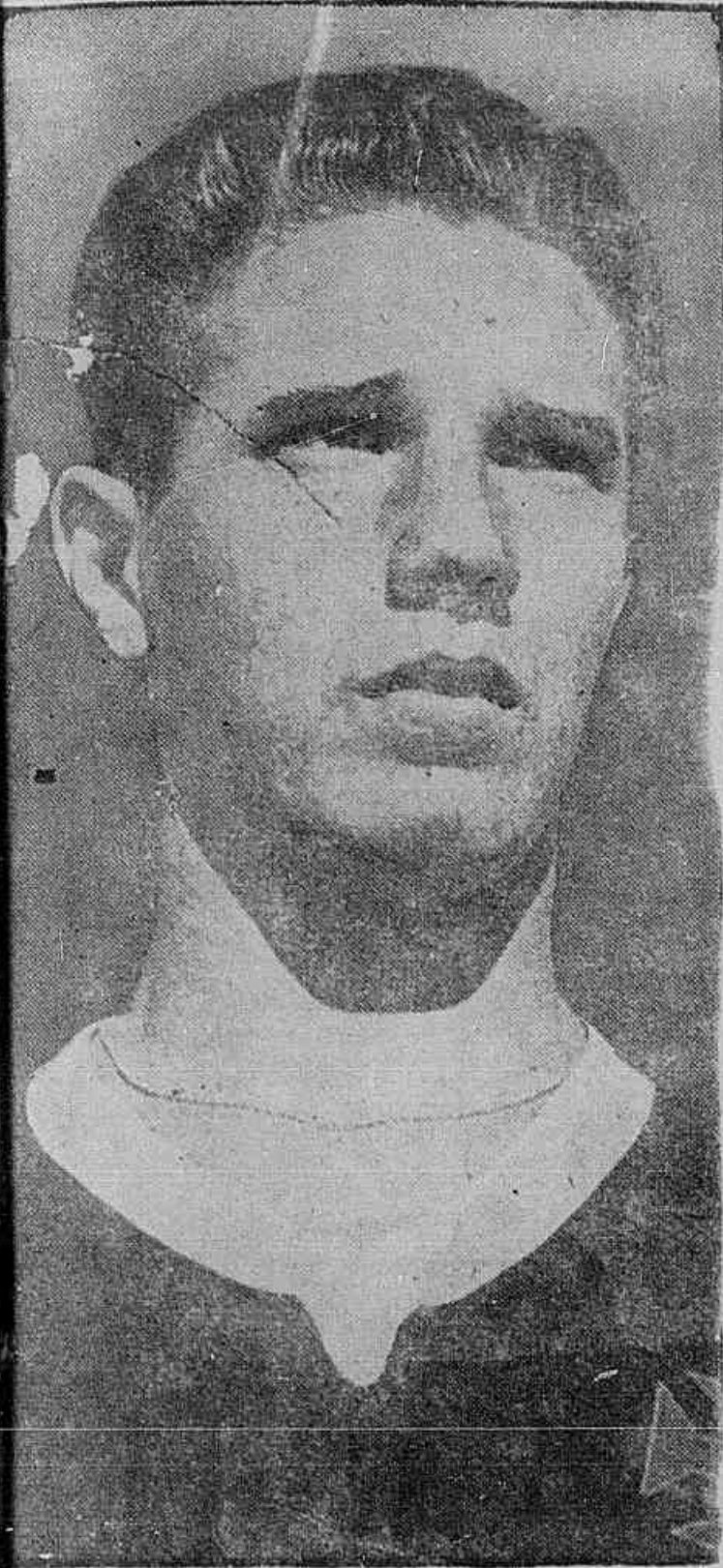
Este ano, por enquanto, o Vasco ainda não tem razões de queixa. Já cumpriu dois amistosos, como "lets" para a temporada oficial, e em ambos saiu-se bem. No primeiro impôs ao Bangü um fragoroso revés — 9x2. O vulto da contagem adquiriu maior relevo porquanto o alvi-rubro suburbano vinha de realizar uma excursão vitoriosa em Minas e no Espírito Santo. No segundo, derrotou o América por 1x0, e a vitória cercou-se também de muita projeção, porque dias antes o gremio rubro vencera o Fluminense, integrado pelos seus valores novos. E note-se que até o momento poucas aquisições fez o Vasco para a temporada de 44. A rigor, apenas dois elementos de cartaz já consolidado. Um, que já vem prestando serviços ao clube, tendo formado no quadro vencedor dos dois amistosos cumpridos, é o full-back Zago, que há três anos vinha integrando o selecionado pernambucano. O outro é o center-half uruguaio Beracochéa, que ainda não fez nenhuma exibição no conjunto cruzmaltino, mas que dizem ser de boa qualidade. Além desses, há um elemento novo que o Vasco vem lançando com apreciável êxito: — o meia esquerda Elgen.

POSSIBILIDADES AMPLAS

Levando-se em conta as exibições já efetuadas e os valores que, sabe-se ao certo, continuarão enverpando a camiseteta negra com faixa branca, ou a branca com faixa negra, não será demasiado se adiantar que o Vasco será um dos candidatos de mais amplas possibilidades no certame de 44. Isso, principalmente, considerando-se mais ainda a ascensão gradativa da produção da equipe cruzmaltina, desde que Ondino Viera assumiu a sua direção técnica. Evidente-

mente, desde que a produção, o team de que estará bem sob inspeção, desde com Oncinha, um arqueiro de da o Vasco o bestimo ao Bonsuets como suplentes ao Canto do Rio o center-forward dono da asa direita esquerda. Thilo, um half seco, e Alfredo II dos também ao cido que esses tou em 22 o número guindo, vemos tias, Djailma e outros perigosos, cartazinho, dois para reanunciar para a ponta esquerda defensor para uma posses

Ondino Viera produz sempre da, tira conclusões tecnicamente se que o animam conta do team locando o team Flamengo é que ano Ondino tem já está melhor forma que o Vasco



ROBERTO



CHICO



FIGLIOLA

"pivot" uruguaio aprove e Zago mantenha-se em boa pro-
 Janeiro será um candidato forte ao título máximo, por-
 ciem todas as suas linhas. Senão, vejamos, numa rápida
 até a extrema canhota. Para a méta contará o Vasco
 vem atuando nos amistosos, com Roberto, inegavelmente
 e com Yustrick, o antigo goleiro rubro-negro. Tem ain-
 Martinho, que, ao que apuramos, será cedido por emprés-
 A zaga titular será entregue a Zago e Rafanelli, sendo
 e Sampaio. O outro zagueiro, Haroldo, será emprestado
 onde já vem atuando, bem como o meia direita Moacyr e
 asinha. Na linha média, o inesgotável Figliola, continuará
 Beracochéa será o "pivot" e Argemiro ainda ocupará a
 anda o Vasco para a intermediária o concurso de Octaci-
 Nilton, aproveitável como centro ou como ala; Tião, cen-
 duardo, Rodrigo e Vitorino, ao que consta, serão empresta-
 sucesso. Abrindo aqui um parêntesis, é bom ficar esclare-
 estímos serão feitos por força da lei do C. N. D., que limi-
 máximo de jogadores contratados em cada clube. Prose-
 para o ataque o Vasco contará com dois bons pontas direi-
 teiro, com dois grandes melas, Ademir e Lelé, com dois cen-
 teranos Isalas e o novato Petronio, que vem fazendo o seu
 das canhotos, Jair, que se anuncia estar em ponto de bala
 o conjunto titular, e o novo Elgen, e com Chico, absoluto
 rda, Orlando, ao que se diz, será encostado, e Lenine, o an-
 América, vem treinando com regularidade em São Januário
 sapiência.

ONDINO TEM ESPERANÇAS

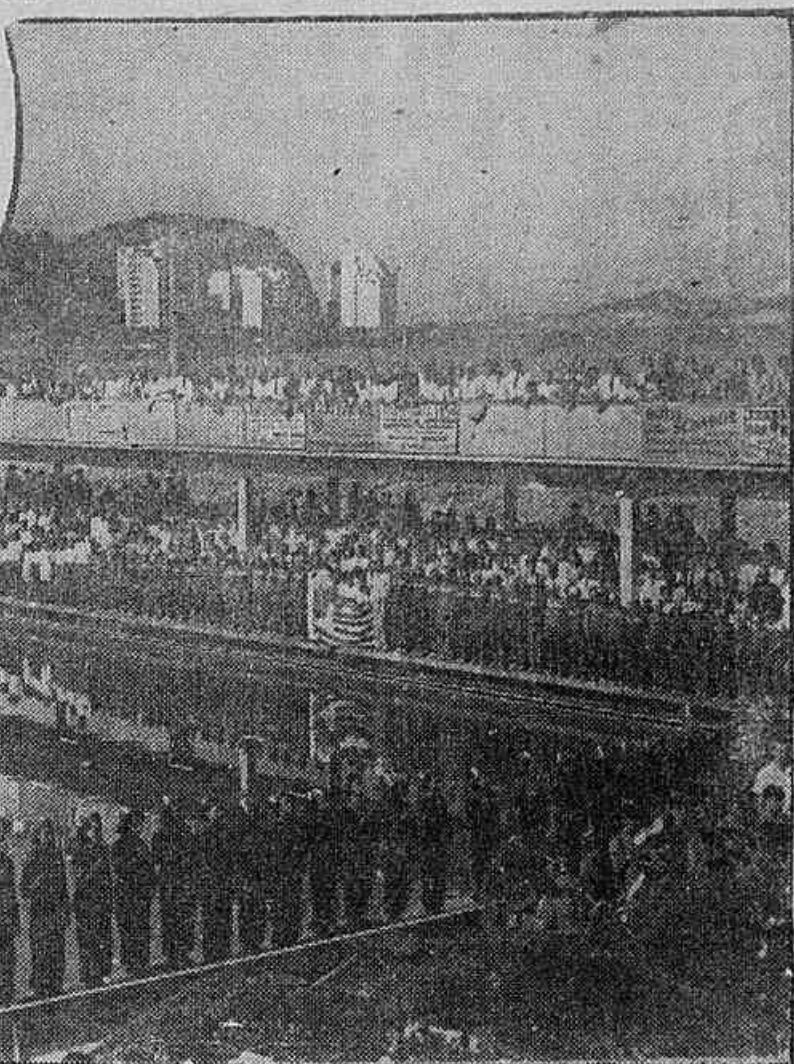
um técnico que se faz admirar pelo seu grande esforço e
 melhor não poupando para isso energias. Ele observa, estu-
 aplica a psicologia para resolver certos problemas que
 apresentavam insolúveis, e assim vai conseguindo resultados
 que de todos os anos. No ano passado Ondino Viera tomou
 Vasco numa fase de descrença e desorientação e acabou co-
 ro do pareo até a penúltima rodada. Só no jogo com o
 Cruzmaltinos foram afastados do título máximo. Para este
 as fundadas esperanças no êxito do seu team. O material
 sãido, os pontes vulneráveis serão cobertos em tempo, de-
 deverá figurar bem na temporada.

APRESENTA-SE
 com amplas possibi-
 lidades o clube de
 São Januario, apesar
 das poucas aquisi-
 ções feitas — Zago,
 Beracochéa e Elgen
 as "caras novas" até
 agora assentadas — O
 inicio da temporada
 está sendo bom... —
 De CARLOS ARÉAS

Penta-Campeões OS MINEIROS

(Por Levy Kleiman)

A gaúcha Francisca Sisson, campeã da prova de meninas juvenis, cem metros, nado de peito, e estabeleceu um novo recorde brasileiro para esta prova



O paulista João Ironkini, campeão brasileiro de infantis, cinquenta metros, nado de peito, e que foi o primeiro nadador a estabelecer um novo recorde nacional da prova, na tarde de domingo

SEXTO campeonato brasileiro de natação infanto-juvenil, promovido pela Confederação Brasileira de Desportos, e que foi disputado na tarde de domingo, na piscina olímpica do Guanabara, ofereceu um desenrolar interessante.

As vinte e cinco provas do certame foram realizadas debaixo de uma ensurdecidora torcida do grande público presente, que além da voz empregou, também, um acompanhamento de bateria, batendo sem cessar nas folhas de flandres dos anúncios fixados na arquibancada superior da piscina. Uma autêntica guerra de ner-

vos suportaram os pequenos nadadores das quatro entidades concorrentes.

Espectáculo impressionante de cultura física proporcionaram os ases da aquática mirim no sensacional cotejo de forças. Mais uma vez, saiu vitoriosa a bandeira da Federação Aquática Mineira, que assim levanta, pela quinta vez consecutiva, o título máximo da categoria. Interessante, é que dos cinco títulos conquistados, apenas um os mineiros ganharam em seus domínios. Venceram três campeonatos no Distrito Federal e um em São Paulo. Cinco expressivos triunfos de organização, e tudo isto graças ao sabio e contínuo apoio do Governo de Minas Gerais. Para alcançar o ambicionado penta-campeonato, o técnico Carlito, desde novembro de 1943, vinha submetendo os seus pupilos a um metódico preparo. De têm portanto, os montanhenses a supremacia da natação infanto-juvenil no Brasil arrebatada aos cariocas, em 1940, pois o primeiro certame, realizado em 1939, teve como vencedor o conjunto da Federação Metropolitana de Natação.

Tanto nas provas masculinas, como nas femininas, os mineiros conseguiram um maior número de pontos. No setor dos meninos superaram os cariocas por 14 pontos sendo que na parte das meninas a vantagem dos montanhenses sobre os guanabariños foi maior, 37 pontos. Em conjunto os penta-campeões venceram o certame, por uma diferença de 51 ponto para os metropolitanos colocados em 2.º lugar.

(Continua na pág. seguinte)



As nadadoras cariocas, Talita Alencar Rodrigues e Nilsa Paula Pessoa Martins, vencedoras da prova de infantis, cinquenta metros, nado livre, confraternizam-se, após a sensacional vitória. Na prova de nado de costas, da mesma categoria, Talita quebrou a marca brasileira



Um sensacional flagrante da chegada de uma prova de nado de peito



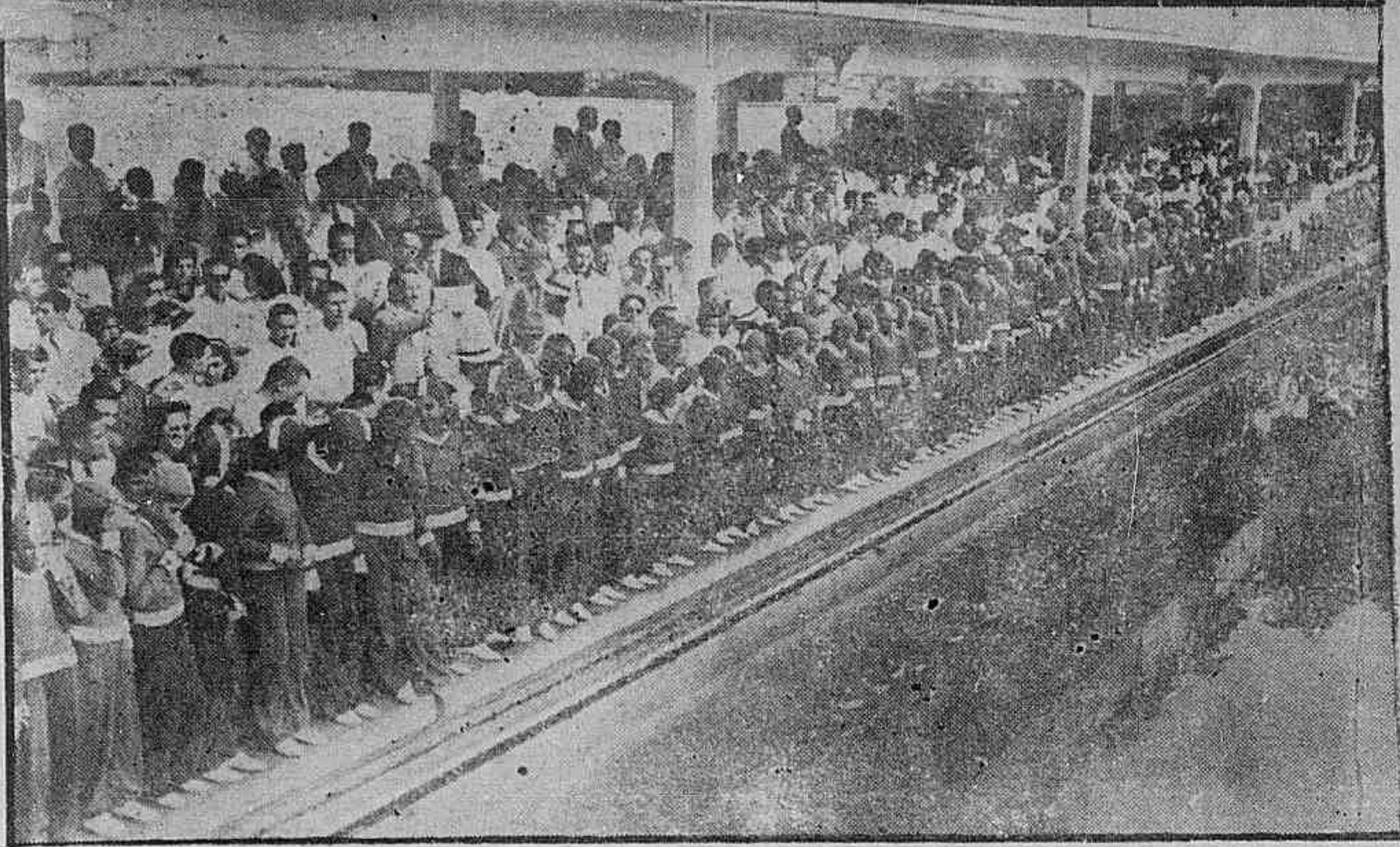
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DE VENDA DE IMOVEIS DA AMERICA LATINA

Mendes Figueiredo & Cia. Ltda.

Procurem nos jornaleiros mais um número sensacional — de —

X-9

a revista das emoções!



A equipe da Federação Aquática Mineira, penta-campeã nacional, formada à frente da arquibancada da piscina do Guanabara, lotada por uma assistência, que fez as bilheteria renderem a importância de Cr\$ 8.365,50

Novamente Vice-Campeões os CARIOCAS

Os cariocas lograram, também, pela quinta vez consecutiva, o título de vice-campeões. Sobrepujaram os paulistas, nas provas femininas em 8 pontos, e nas masculinas em 13, num total, portanto, de 21 pontos. A movimentação do placard apresentou curiosas alternativas. Os bandeirantes iniciaram o certame, na liderança e mantiveram-se nesta posição até a 8.ª prova, sendo que até a 6.ª os mineiros foram os segundos colocados. Na sétima prova, os cariocas ocuparam o 2.º posto, mas em seguida os montanhenses lograram recuperar esta colocação, e passaram depois para a ponta, onde permaneceram até o final. Da 9.ª até a 12.ª prova, São Paulo deteve o 2.º lugar, porém a partir da 13.ª, os guanabarininos firmaram-se na vice-liderança e conseguiram terminar o campeonato na mesma posição.

A parte técnica do 6.º campeonato ofereceu um rendimento de 44% em relação aos melhores tempos obtidos até o certame do ano passado. Nas vinte e cinco provas foram assinalados onze recordes. Um detalhe pitoresco, em sete das oito provas de nado de peito do certame, registraram-se novas marcas. No nado livre foram quebrados dois recordes e no nado de costas, igual número. Os onze recordes couberam: cinco aos mineiros, dois aos cariocas, dois aos paulistas e dois aos gaúchos.

Foi este o aproveitamento conseguido pelos onze recordistas brasileiros, na ordem das provas: infantis — 50 metros — peito, João Tronbini, paulista, com 40"2, superou a marca do carioca Manfredo Leipziger, em 2"6; MENINAS PETIZES — 50 metros — peito — Marly Zielneks, gaúcha, com 44"9, reduziu em 3"9 o recorde da mineira Ayde Araujo; ASPIRANTES — 200 metros, peito, o mineiro Luiz Amaral, com 2'58"4, diminuiu em 8"6 o tempo de Manuel Ferreira e também de Minas Gerais; MENINAS PETIZES — 50 metros — costas — a mineira Maria da Fé Gigliotti, com 45", reduziu em 9 décimos de segundo, a marca da carioca Nilsa Paula Pessoa Martins; MENINAS INFANTIS — 50 metros — peito — a mineira Edelweiss Simões, com 42"5, deduziu em 1"8 o recorde de Wanda Angotti, também de Minas Gerais; MENINAS JUVENIS — 100 metros — livre — a mineira Maria Prates, com 1'17"3, diminuiu em 2"2 o tempo de Yolanda Santana, de Minas Gerais.

(Conclue na pag. seguinte)



Grupo de nadadoras da representação da entidade bandeirante, que logrou um honroso terceiro lugar no certame nacional



A dupla mineira, Gilberto Frota e Antonio de Souza, vencedora da prova de petizes, cinquenta metros, nado livre. O campeão é o que ostenta a tradicional e vitoriosa carapuça da Federação Aquática Mineira

CLOSE-UP

Biguá

DE há muito Biguá inclui-se entre os felizes mortais que respiram o ar da popularidade. Seu cognome, o "Índio", suas características inconfundíveis de jogo, em que ressaltam o dinamismo, o entusiasmo sem limites, tornaram-no uma figura simpática à multidão. Não só os torcedores rubro-negros, mas igualmente os adeptos de outros clubes olham o "mignon" crack paranaense com bons olhos. No último campeonato brasileiro o half direito do Flamengo integrou o scratch da cidade e seu desempenho foi citado como um dos melhores entre todos os participantes das séries finais Rio-São Paulo. Agora Biguá voltou ao cartaz, graças à sua "performance" no primeiro cotejo Corinthians e Flamengo para o pagamento do passe de Domingos. Enorme multidão afluíu ao estádio Pacaembú especialmente para ver o "divino mestre" jogar. Mas, segundo comentários de cronistas bandeirantes (nós não estivemos lá), dos vinte e dois homens em campo, Biguá foi a grande figura.

FLAVIO NÃO FAZIA FÉ COM O ÍNDIO

Quando Biguá chegou do Sul e apareceu no Flamengo, ninguém fez fé com ele. Flavio nem teve coragem de mandar-lhe mudar a roupa para um treino. O homem era muito pequeno, muito atarracado, com pernas quase tão grossas e musculosas como as coxas. Como poderia emparelhar com um extrema-veloz? Qual! Com certeza a cigana o enganara. Mas Biguá não se impressionou com a acolhida pouco amável. Aguardou com a paciência de uma irmã de caridade que surgisse uma "chance", que caísse do céu uma oportunidade para exibir suas qualidades. Não sabemos se a oportunidade caiu precisamente do céu, mas podemos afirmar que o valente meio rubro-negro não a desperdiçou. O técnico do bicampeão de terra e mar teve que se render à evidência. O homenzinho jogava mesmo. E foi assim que, um belo dia, Biguá teve diante dos olhos um contrato para assinar. Não quebrem a cabeça fazendo cálculos sobre as luvas que o jogador recebeu, porque não arranjariam nada. Biguá não recebeu, pelo primeiro contrato, um tostão de luvas.

FOOTBALL NO SANGUE

De repente, todo mundo começou a notar o player vindo do Paraná sem cartaz nenhum. O apelido de "Índio" calhou como uma luva, porque ele, com o seu pequeno tamanho, as pernas curtas e grossas, o corpo bronzeado e os cabelos negros, brilhantes e lisos, dava a impressão perfeita de um índio, mesmo sem arco e flecha. Não dizemos "índio civilizado", porque o ardor com que o meio direito se entregava à luta nada ficava a dever à agressividade de seus pseudo ancestrais. Viram-no correr tão velozmente como os mais leves extremas da cidade; correr em campo, sem parar, noventa minutos, terminar o jogo invariavelmente com a camisa molhada. Nos treinos o entusiasmo do "Índio" não era menor. Dir-se-ia que em cada prática ele via um título em jogo. E após os treinos ainda ficava em campo batendo bola, quando não treinava Yustrich. O arqueiro dava-lhe dois ou três cruzeiros por vez que lhe burlasse a vigilância. Há jogadores que não aparecem nos treinos e só atuam bem nos jogos de verdade. Biguá nunca procurou se poupar nos exercícios e, positivamente, não está satisfeito quando não tem uma pelota de couro para chutar e uma grama para correr. Aliás, grama ele podia dispensar, mas a bola não. Flavio teve um trabalho enorme para convencê-lo a não participar de "peladas" à noite, na Gavea, nas próprias semanas de jogo. E será oportuno esclarecer que Biguá não faltava a treino algum.

CONSAGRAÇÃO DEFINITIVA

O primeiro contrato que Biguá assinou não falava em luvas. Mas agora todos reconhecem o valor do crack rubro-negro, a começar por Flavio. Quando se tratou de selecionar elementos para o scratch da cidade, o preparador do Flamengo ficou logo descausado quanto à sua medida direita. Havia Biguá. E o seu pupilo correspondeu cem por cento. Biguá custou a se impor, mas agora todos acreditam em suas qualidades. Um reflexo do ambiente de admiração que soube formar, está no interesse dos clubes paulistas em contratá-lo. Mas o Flamengo, mais ou menos saciado com o preço obtido com a venda do passe de Domingos, não cogita desfazer-se do concurso do crack paranaense. Muita gente pensou que ele, com a saída de Domingos, que o apoiava, diminuiria a produção. Mas, pelo contrário, o "Índio" resolveu produzir mais no esforço desesperado de tapar da melhor forma possível a brecha deixada por Da Guia. Sua "performance" domingo em São Paulo constituiu uma consagração definitiva à sua classe.

TIRO LIVRE

(Conclusão da página 5)

Logo que tenha esgotado a sua reserva primária de energia." E é fácil pôr em prática o método de Fuller? Parece que não. É intermitente o sensus que preconiza. Mais ou menos de seis em seis horas de trabalho, que é o tempo calculado para o esgotamento da "energia primária", uma pessoa deve dormir meia hora. Seja como for, o governo americano já foi consultado por Fuller a respeito do seu método, que, a seu ver, poderá encurtar a guerra, triplicando a capacidade de trabalho da Nação.

Os garçons, e eles não devem ignorar isso, são respeitáveis andarilhos. Segundo um pesquisador (americano, é claro!) um garçon, durante seu constante trabalho de vai-e-vem, caminha cerca de cinquenta quilômetros por dia. — Esta é a autoria de um entomologista da Universidade de Yale. Não tem graça, mas contém verdade científica: "Sabe o que o homem disse para a pulga? — Se eu tivesse a mesma força das suas pernas, pularia até à altura de mil metros."

Dois Grandes Jogos na Rodada Inaugural



VASCO x FLUMINENSE EM VENCESLAU BRAZ E AMÉRICA x FLAMENGO EM SÃO JUANUARIO - APROVADA A TABELA DO TORNEIO MUNICIPAL

Foi aprovada a tabela oficial do Torneio Municipal. O presidente Vargas Netto, examinando as cinco tabelas elaboradas pelo Departamento Técnico, optou pela que se inicia com dois grandes jogos Vasco x Fluminense, no gramado do Botafogo, e América x Flamengo, em São Januario. O certame, que, como noticiamos, começará a 2 de abril, será encerrado a 28 de maio, iniciando-se o campeonato logo a seguir, ou seja, a 1 de junho. A tabela aprovada foi a seguinte:

Abril, dia 2 — Vasco da Gama x Fluminense, no Botafogo F. R.; Canto do Rio x São Cristóvão, no Madureira A. C.; Bangú x Madureira, no C. R. Flamengo; Botafogo x Bonsucesso, no Fluminense F. C.; América x Flamengo, no C. R. Vasco da Gama.

Dia 9 — Vasco da Gama x Canto do Rio, no Fluminense F. C.; Fluminense x Madureira, no Botafogo F. R.; Bonsucesso x São Cristóvão, no C. R. Flamengo; Bangú x América, no Madureira A. C.; Flamengo x Botafogo, no C. R. Vasco da Gama.

Dia 16 — Madureira x Vasco da Gama, no Botafogo F. R.; Canto do Rio x Bonsucesso, no Madureira A. C.; América x Fluminense, no C. R. Vasco da Gama; São Cristóvão x Flamengo, no Fluminense F. C.; Botafogo x Bangú, no C. R. Flamengo.

Dia 23 — Bonsucesso x Vasco da Gama, no C. R. Flamengo; América x Madureira, no Fluminense F. C.; Flamengo x Canto do Rio, no Madureira A. C.; Fluminense x Botafogo, no C. R. Vasco da Gama; Bangú x São Cristóvão, no Botafogo F. R.

Dia 30 — Vasco da Gama x América, no Fluminense F. C.; Flamengo x Bonsucesso, no Botafogo F. R.; Botafogo x Madureira, no C. R. Flamengo; Canto do Rio x Bangú, no Madureira A. C.; Fluminense x São Cristóvão, no C. R. Vasco da Gama.

Maio, dia 7 — São Cristóvão x C. R. Vasco da Gama, no Fluminense F. C.; Bangú x Fluminense, no Botafogo F. R.; Canto do Rio x Botafogo, no C. R. Flamengo; Flamengo x Madureira, no C. R. Vasco da Gama; Bonsucesso x América, no Madureira A. C.

Dia 14 — Botafogo x C. R. Vasco da Gama, no Fluminense F. C.; Flamengo x Bangú, no Madureira A. C.; São Cristóvão x América, no C. R. Vasco da Gama; Fluminense x Bonsucesso, no C. R. Flamengo; Canto do Rio x Madureira, no Botafogo F. R.

Dia 21 — Vasco da Gama x Bangú, no Madureira A. C.; Botafogo x São Cristóvão, no Fluminense F. C.; Fluminense x Flamengo, no C. R. Vasco da Gama; América x Canto do Rio, no Botafogo F. R.; Madureira x Bonsucesso, no C. R. Flamengo.

Dia 28 — Vasco da Gama x Flamengo, no Fluminense F. C.; América x Botafogo, no C. R. Vasco da Gama; Bangú x Bonsucesso, no C. R. Flamengo; Madureira x São Cristóvão, no Botafogo F. R.; Canto do Rio x Fluminense, no Madureira A. C.

Se não sabe...

- 1 — Basketball.
- 2 — Remo.
- 3 — Fluminense.
- 4 — Levantamento de peso.
- 5 — Maria Lenk, em 1939.



PETIZES, 50 metros, peito, o mineiro Humberto Santana, com 45"6, reduziu em 2"3 a marca do mineiro Decio Pimentel; **JUVENIS SENIORS**, 100 metros, peito, o carioca Ivo Francisco da Volta, com 1'21", baixou em 3"3 o recorde de Manfredo Leipziger, também do Distrito Federal; **MENINAS INFANTIS**, 50 metros, costas, a carioca Talita Alencar Rodrigues, com 41"9, sobrepujou em 1"2 a marca da mineira Maria Fernandes; **MENINAS JUVENIS**, 100 metros, peito, a gaúcha Francisca Sisson, com 1'34", superou em 2"4 o tempo da mineira Helena Amara; **ASPIRANTES**, 400 metros, livre o paulista Jamil Jonas, com 5'22"3, reduziu em 17"7 o recorde de João Schneider, também de São Paulo. Em resumo, houve, portanto, um rendimento de 46"9 nos recordes estabelecidos, assim distribuído: Setor masculino — 5 marcas — 34"5. Setor feminino — 3 marcas — 12"4.

Os 800 pontos do certame, e as respectivas colocações alcançadas pelos nadadores das quatro entidades concorrentes, têm a seguinte discriminação:

- 1.º lugar — Campeã — Federação Aquática Mineira — 9 primeiros, 12 segundos, 7 terceiros, 9 quartos, 6 quintos e 6 sextos lugares — 293 pontos.
- 2.º lugar — Vice-Campeã — Federação Metropolitana de Natação — 8 primeiros, 6 segundos, 9 terceiros, 6 quartos, 8 quintos, e 11 sextos lugares — 242 pontos.
- 3.º lugar — Federação Paulista de Natação — 6 primeiros, 6 segundos, 9 terceiros, 8 quartos, 10 quintos, e 6 sextos lugares — 221 pontos.
- 4.º lugar — Federação Aquática do Rio Grande do Sul — 2 primeiros, 1 segundo, 2 quartos, 1 quinto e 2 sextos lugares — 44 pontos.

Os dois primeiros colocados na primeira prova do certame, destinada à classe de aspirantes, cem metros, nado livre. O campeão, Jamil Jonas, paulista (o mais alto), e o vice-campeão, Mario Quintino dos Santos, mineiro. O bandeirante Jamil Jonas venceu, também, a última prova do campeonato, quatrocentos metros, nado livre, assinalando a maior "performance" da tarde, pois recuperou em mais de dezessete segundos o recorde nacional da especialidade, em poder de João Schneider, também de São Paulo



A estrelinha da natação do Rio Grande do Sul, Marly Zielincks, vencedora e recordista da prova de meninas juvenis, cinquenta metros, nado de peito, abraçada com a vice-campeã, a mineira Helice Ferreira (carapuça, com faixa branca)



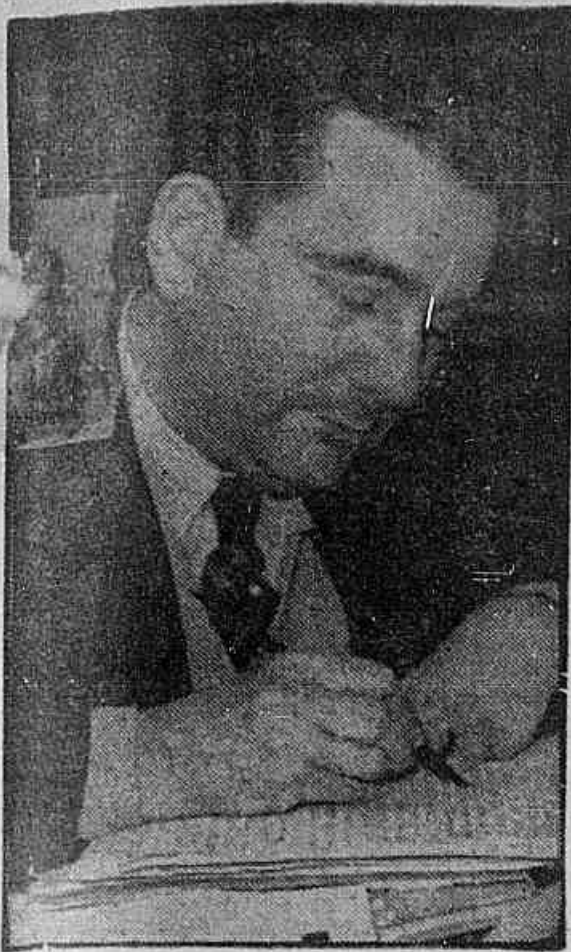
Maria Prates, de Minas Gerais, venceu a prova de meninas juvenis, cem metros, nado livre, e bateu em 2"2 o recorde brasileiro, em poder de Yolanda Santana, da mesma equipe, que foi a segunda colocada, e que se acha à sua esquerda



FALAM OS DIRIGENTES SOBRE OS PROBLEMAS DO ESPORTE

João Lyra Filho acusa os clubes de desrespeito às determinações do C. N. D. — Falta de estádios, a grande responsável pela crise que asfixia os clubes — Opina Vargas Netto — Luiz Gallotti sugere técnicos em finanças para os clubes — “São as entidades e não os clubes, os beneficiados com o Campeonato Brasileiro” — Declara Mario Pollo —

Os nossos técnicos têm ainda muito a aprender — Acentua Luiz Aranha



Sr. João Lyra Filho



Sr. Luiz Aranha



Sr. Luiz Gallotti

HA muita coisa errada no esporte, sem dúvida alguma, mas isso como consequência de sua pouca idade e também do extraordinário desenvolvimento atingido em todo o país. Ostentamos os títulos de campeões sul-americanos de atletismo e natação, temos uma recordista do mundo, e nosso futebol tem renome mundial. Possuímos uma Escola Nacional de Educação Física, que forma técnicos especializados que irão levar os métodos mais modernos de cultura física aos mais afastados centros do país e, além disso, multiplicam-se dia a dia pelo território nacional as praças de desportos. Mas ainda há muito que corrigir e realizar. Sugestões? Abaixo vão transcritas as principais apresentadas por destacados dirigentes, respondendo à “enquete” do GLOBO SPORTIVO: “Minha opinião sobre o futebol brasileiro”.

SÃO VIOLADAS AS DETERMINAÇÕES DO C. N. D. (João Lyra Filho)

4 — Que pensa dos vencimentos e prêmios pagos aos profissionais de futebol?
— Quanto aos salários e prêmios contratualmente devidos, considero-os razoáveis. Em relação aos que são efetivamente pagos, penso que constituem razão de desequilíbrio financeiro na maioria dos clubes que admitem o profissionalismo desportivo. As recomendações que o C. N. D. expediu, arbitrando os valores máximos de pagamento, tiveram por fim acautelar os interesses dos clubes. Se essas recomendações têm sido violadas, a responsabilidade não é do órgão que as ditou, mas das entidades que as infringem. Do fato de serem violadas as normas expedidas não se infere que são elas inexequíveis, mas que são desrespeitadas. A responsabilidade dos infratores deve ser apurada pelos órgãos próprios dos clubes comprometidos pelos gastos exagerados dos seus administradores, para cujo fim dispõem de Conselhos Fiscais, Conselhos Deliberativos e assembleias gerais. Se esses órgãos sancionam os atos dos dirigentes, é porque com eles estão de acordo. A fiscalização do C. N. D. não deve ser maior do que a dos sócios que defendem interesses comuns. Na forma da lei ao C. N. D. cumpre orientar; e ele ditou a orientação.

FALTA DE ESTÁDIOS (Vargas Netto)

8.ª — Qual o motivo da crise financeira que asfixia a totalidade dos clubes?
— Em primeiro lugar é a valorização exagerada do jogador. A imprevidência no controle dos orçamentos, o desprezo pelo equilíbrio entre receita e despesa, acima de tudo, porém, como motivo principal, a falta de estádios que acomodem grandes assistências. O nosso público é abnegado e heróico para concorrer a esses espetáculos sem acomodações condignas, sem acesso fácil, sem a certeza de um lugar sem apertos. Precisamos, por isso e urgentemente, de estádios, porque assistência não falta, e havendo estádios haverá grandes rendas que facilitarão a vida normal para os clubes.

CONTINUA VINCULADO AO CLUBE O PROFISSIONAL MESMO APÓS A TERMINAÇÃO DO CONTRATO. (Vargas Netto)

10.ª — Quando da terminação do contrato, está ou não desobrigado, automaticamente, o profissional?

— Acho que não, pois o contrato do profissional no futebol é um contrato especialíssimo, sujeito a lei internacional, que é preciso obedecer. É um contrato de trabalho “sui-generis”, pois, é o único contrato de trabalho em que o empregado recebe “luvas” para assiná-lo; ordenados para exercê-lo, e prêmios porque o exercem, como se o mesmo contrato já não fosse uma obrigação de bem exercê-lo. Além de tudo, o clube toma a si não só a preservação física e o preparo técnico perfeito — os ensinamentos de toda ordem — a alimentação adequada, como a assistência médica contínua e a defesa constante da saúde de cada jogador.

11.ª — Que diz da inovação de incluir amadores entre profissionais?

OS CLUBES PRECISAM DE TÉCNICOS EM FINANÇAS (LUIZ GALLOTTI)

3 — Qual o motivo da crise financeira que asfixia a totalidade dos clubes?
— Acho que o motivo não é um, são vários; e só o exame mais detido da matéria, com a colaboração de técnicos em finanças me permitiria analisá-los.
SÃO AS ENTIDADES, E NÃO OS CLUBES, OS BENEFICIADOS COM O CAMPEONATO BRASILEIRO DE FOOTBALL — (MARIO POLLO)

12 — Beneficiou ao esporte o campeonato brasileiro criado pela Confederação Brasileira de Desportos?

— Ao esporte, em geral, o campeonato brasileiro beneficia. Tenho minhas dúvidas sobre se beneficia aos interesses dos clubes. O profissionalismo é esporte-negócio, é esporte-espetáculo. Temos que ver no mesmo o interesse financeiro. Aliás, os quesitos do seu jornal são eloquentes e respondem por mim. Vejamos: quer-se saber do motivo da crise financeira, que asfixia a totalidade dos clubes em consequência do profissionalismo. Entretanto, não foi indagado qual o motivo da crise financeira que asfixia as federações ou outras instituições. Por que? Não há o que perguntar? O elemento que asfixia e produz crise a uns é o mesmo que alivia e traz prosperidade a outros... Mas “tolitur questio”. Vejo sinal vermelho.

COMO O SR. LUIZ ARANHA VÊ O ADVENTO DO PROFISSIONALISMO

Eis como o Sr. Luiz Aranha atende à nossa primeira pergunta:
— Como vê a adoção do profissionalismo no football brasileiro?
— A adoção do profissionalismo foi um imperativo. Não se pode negar que era inevitável. Penso, entretanto, que, no Brasil, a solução do problema foi precipitada e até forçada. Houve, para mim, erro no tempo e na forma de pô-lo em execução. A mudança de um regime para outro sistema exigia uma melhor preparação ambiente e uma melhor coordenação de forças. Por isso, o profissionalismo sofre, até hoje, os percalços da luta desportiva, que, sem dúvida nenhuma, entorpecer o evento desse sistema, criando-o de vícios, só sanáveis, no tempo, com a adoção de medidas energéticas e bem intencionadas. Assim, se a adoção do profissionalismo corrigiu os males do falso amadorismo, não conseguiu, ainda, alcançar as vantagens que oferecia e tornando-se, em nosso país, um falso profissionalismo. Não havia uma “consciência profissionalista” no Brasil, e só agora, depois de tantas experiências, avanços e recuos, começamos a acertar o passo... Há ainda muitos dirigentes, mas sobretudo atletas, que não chegaram a compreender os deveres e vantagens do profissionalismo. Sem o cumprimento rigoroso daqueles, as vantagens se transformam em prejuízos, graves prejuízos materiais, e, o que é pior, morais. O nosso profissional de football goza de privilégios e benefícios que talvez nenhum outro profissional consiga no país, e, entretanto, é conhecida a falta de compreensão que a maioria tem dos seus deveres, não só para com os clubes, mas até para com o país. Essa falsa compreensão não permitiu que se desse ao profissionalismo a sua própria fisionomia, libertando-nos do “mercantilismo” em que afundáramos e em cujas águas ainda nos debatemos, mas já vitoriosamente.

OS NOSSOS TÉCNICOS TEM, AINDA, MUITO A APRENDER

— Qual o juízo que forma dos técnicos de football brasileiros?
— Sem dúvida, temos alguns bons técnicos, mas, inclusive os melhores, têm, ainda, muito a aprender.



Sr. Vargas Netto



Sr. Mario Pollo

Acabou o tempo da «Bola no Buraco»...

Tambem caiu de moda aquela eterna mania dos goal-keepers se entregarem de clavículas, alma e costas, aos pés dos «artilheiros»



CESAR

No torneios,
mais um número
sensacional de

X-9

I Em 1930 — há portanto, 14 anos — a Europa se deixava estarrecer ante um novo princípio de tática futebolística. E o “fenômeno” como foi denominado na Itália (já naquele período de doce paz terrena os italianos costumavam achar os ingleses pouco afeitos às coisas deste mundo) o fenômeno, repetimos, não consistia senão em evitar a goleada num país estrangeiro, de clima estranho e arbitragem a fascismo...

Foi exatamente em 1930 que o futebol europeu começou a se transfigurar. Raças, diga-se de passagem, ao Arsenal, o clube mais popular das Ilhas Britânicas, e justamente, na época, o herói de uma façanha espetacular, porquanto lograra levantar um campeonato sem derrota, ostentando um saldo de goals quase inacreditável.

Como ninguém adotava tal sistema de jogo, a aplicação surpreendeu, mesmo quando os resultados do mesmo ofereciam os resultados desejados, e em alguma ocasião mais, muito mais mesmo, do esperado.

ERA A TÁTICA DO “TERCEIRO BACK”

Em 1937, isto é, 7 anos depois de a Inglaterra implantar a inovação em seus campos, forçada, naturalmente, pela resistência diabólica do Arsenal, depois, também, de a Europa compreender que o melhor era fazer o que o Arsenal proclamara perfeito, o Brasil teve a honra de hospedar um dos mais famosos “coachs” do Velho Mundo, o Sr. Dori Kuerschner profissional sobre cuja capacidade falavam melhor os seus feitos como treinador de primeira linha na Hungria, Austria e Tchecoslovaquia.

Dori Kuerschner não desceu no Rio mendigando um emprego. Quando desembarcou aqui, trazia no bolso ou na pasta, um contrato sem tempo determinado, com o Clube de Regatas do Flamengo. Sim, o Clube de Regatas do Flamengo. O Flamengo ressuscitado por José Bastos Padilha.

Kuerschner não disse nada. Também, tomara, falando apenas o alemão, não teve outro remédio que, ao invés de falar, agir. Primeiro tratou de ver o time do Flamengo, depois o sistema de jogo preferido pelos cariocas. Achou o quadro raso e a tática antiquada, principalmente para um conjunto que possuía um grande quinteto atacante, mas uma defesa medíocre.

Um dia, porém, traduzindo o seu pensamento, a retaguarda do esquadrão preto se pôs a atuar de maneira completamente estranha. “Que estaria passando com o centro médio tão recuado?” — indagaram muitos curiosos de café, enquanto outros não titubeavam em responder: “Qual, este salchicheiro de terna é um tarado...”

Os mais inteligentes e os mais argutos na matéria, foram desde logo chegando à conclusão de que a inovação ou a loucura de Kuerschner não passava de uma adaptação de princípio tático de marcação observado nos gramados europeus. Era o que lá se denominava de “terceiro back”.

TODO MUNDO ERA “ARTILHEIRO”...

Não importava que o Flamengo perdesse sempre, se ao fim de cada match “marcador” lhe assegurava uma boa média de goals. A bem dizer, os jogos duros eram raríssimos. A goleada se repetia domingo atrás de domingo. A bem dizer, inclusive, não havia quadros fracos na perseguição do placard. Um andaral desperdiçava goals com os seus Baianos e o Bonsucesso com os seus ceandias um “grande” como o Vasco ou o Botafogo, com uma série de goals curdos, para os botafoguenses e para os vascaínos.

Isso indicava que todo mundo “jogava aberto”; agia em campo como o panorama do match se apresentava. Todo mundo tinha seus “artilheiros”. O andaral desperdiçava goals com os seus Baianos e os Bonsucesso com os seus radins. Era um “Deus nos acuda” de bola na rede. Ao fim de cada temporada, o recordista do “marcador”, quase nunca falava de cinco ou de seis, mas de 12 e até 24 goals! Era um “chuá”



RONGO

E OS ARQUEIROS QUEBRARAM CLAVÍCULAS...

2 Nesse terrível panorama de goals e goals, jogar no arco era sinônimo de despreendimento às belas coisas da vida. Raro era o arqueiro que se não especializava em “mergulhos suicidas” aos pés dos avançados. “Trários. Os que se davam ao luxo de manter-se calmos podiam ser contados a dedo, Jaguaré, Jaguaré... não; não havia dois Jaguaré. O resto, já se sabe: bastava o corte ser feito adiantado para que o “homem do desespero” se lançasse desabridamente, alucinadamente, aos pés do oponente. O público vibrava, ora se vibrava mas, terminada a massagem, o assistente especializado não tinha outro recurso senão anunciar ao técnico que “aquele não podia mais continuar em campo”. E lá vinha o segundo, do mesmo jeito, com o mesmo estilo. Alguns teams, por isso mesmo, se viam na contingência de mudar uma ou duas vezes de arquero. Não era raro assistir-se a tais alterações.

Vivia-se, então, a época dos Amado, dos Joãozinho (com toda a legião de substitutos no Brasil), dos Pinheiro, dos Tuffy, dos Veloso, dos Joel, etc., etc. O chique — parecia — era entrar em campo, quebrar uma clavícula, duas costelas e passar o arco ao reserva... (Conclua na página seguinte)



R
U
S
S
O
e
M
I
L
A
N
I

Nascimento e esplendor da tática do «terceiro back»

**Culpa de Dori Kuerschner--
Forwards perigosos do pas-
sado e do presente --- Todo
mundo fazia goal -- A "nova
ordem" instala-se, tambem,
em Buenos Aires...**

Reportagem
de
GERALDO R. DA SILVA

**ATE' KUERSCHNER CHEGAR... ELE FOI QUEM
MUDOU TUDO**

3 Até Kuerschner chegar, a mania de expor as cotelas e as clavículas aos pés dos "forwards", estava na ordem do dia. Ele teve que corrigir Yustrich, Raymundo, King, etc. Cada qual pretendia ser mais acrobata que o outro. E Kuerschner agarrava os poucos cabelos que ainda apareciam em sua cabeça. Falava, doutrinaava. "Este velho não deve ser bom da bola" — observava um mais gaiato. E a vida continuava.

Ele tanto falou, tanto pregou, que um dia a custa de ameaças, os profissionais começaram a atendê-lo. "Mas o team não ganha, seu Kuerschner". "Não importa. Não ganha hoje..." E seguia doutrinando, ensinando. Quando queria citar um exemplo de "goal-keeper" clássico, ele falava em Batataes. Querida que os outros se compenstrassem da posição de Batataes sobre o retângulo. (Conclua na página seguinte).

**RUSSO DO FLUMINENSE, ERA UM PERIGO
COM A PELOTA NOS PÉS**

Kuerschner viu Russo e ficou bobo. Bobo com a facilidade com que alcançava a área pequena para, cara a cara com os arqueiros, "despejar" seu "petardo" mortífero. Via, coçava o queixo e declarava: "Não pode ser. Russo não pode fazer isso. Não pode sair do meio de campo até o goal com bola nos pés".

A gente ouvia e tomava nota. E pensava no outro Russo, aquela "estrela" que brilhou tantos anos em São Januario. Sim, o Russo do Vasco era bem diferente. Não era assim tão impetuoso, mas fazia seus goals. Kuerschner pedia um esclarecimento, e depois de perceber o que lhe diziam, falava, balançando a cabeça: "Assim, sim, joga um center-forward. Um comandante, para Kuerschner", tinha que ser assim. Tinha que saber deslocar-se, tinha que saber passar; tinha que saber envolver os zagueiros. Para o velho treinador de Viena, o arremesso devia ser um golpe inapelável "pum", goal!

**IMAGINEMOS OS CESAR, OS RONGO, OS PIRILLO
E OS HELENO SOB A MARCAÇÃO ANTIGA**

Antigamente era fácil "arrebentar" o goal-keeper. A bola, via de regra, quando chegava aos pés do center-forward, já vinha como que "mastigada". Hoje não. Um "comandante" é um "comandante". Um Leonidas tem que trabalhar dentro e fora da pequena área. Não se deixa um Pirillo, assim, impunemente, de braços cruzados entre os backs. Todos se movimentam. Um Rongo pode muito bem despejar seus "canhonassos" em goal, mas terá que fazê-lo de fora da área. Quem é que, respondendo pelo estado de uma equipe, faz o trabalho de um "artilheiro" adversário. Os Cesar, os Heleno, os Pardal, os Milani, aí andam. E quantos goal-keepers costumam, nos nossos dias, deixar o campo de jogo com uma clavícula ou com uma costela fraturada? Busquem um caso recente. Não, não poderíamos encontrá-lo facilmente.

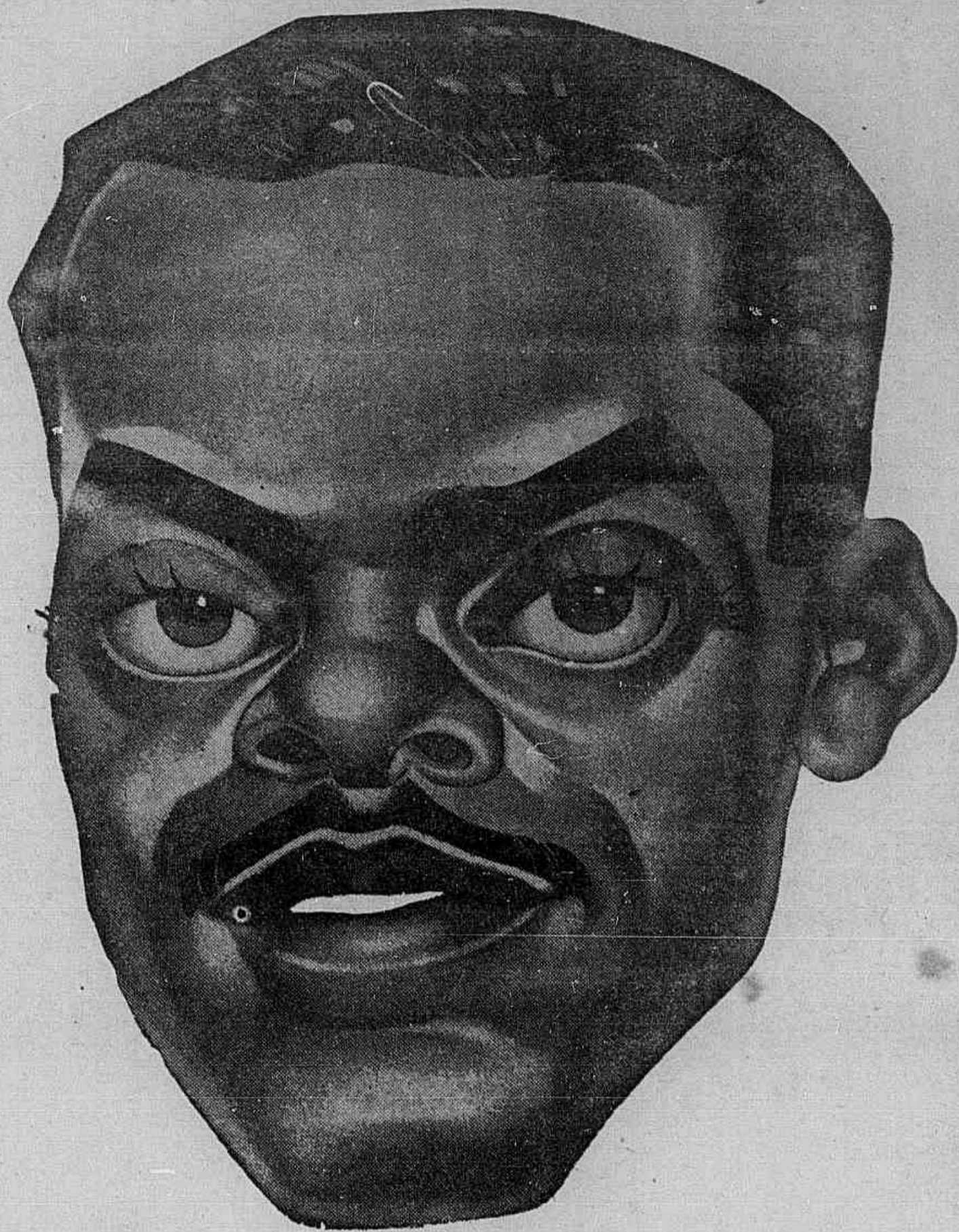
A "NOVA ORDEM" INSTALA-SE EM BUENOS AIRES

Montevideo não é tanto. Por lá andou um técnico de origem inglesa, Mr. Rlsido, que esteve a serviço do Nacional e deu quantos campeonato quis ao Nacional. O Penarol, por se mostrar teimoso em conservar os velhos métodos, passou e continua passando o tempo em festejar os triunfos de seu rival.

Mas, quem custou a se adaptar às inovações foi Buenos Aires. Na capital portenha, cada "coach" europeu contratado era logo criticado de que o "football criollo", como eles costumam denominar o "football nacional", não poderia, de maneira alguma e sob nenhuma justificativa, ser sacrificado em sua originalidade em benefício de padrões "arranjados para o sustento de empates"...

Nem Hirschl, nem Placo, nem Cesarini, conseguiram, com sua escola europeia, modificar o caráter dos dirigentes do River, e do San Lorenzo, tão pouco aquele velho padrão de jogo, muito bonito, muito bem traçado, mas sempre exposto a uma decepção.

Foi preciso que Della Torre, depois de ver e passar pelas transformações impostas ao football carioca, como jogador e treinador, à frente da equipe do Racing, desse o primeiro brado de revolução. Os racinguistas, na iminência de perder o treinador, acederam. Resultado: em menos de uma temporada Buenos Aires em peso, por cautela, já que a experiência havia dado resultado num team de possibilidades reduzidas, passou a proclamar as vantagens da "tática brasileira"...



LEONIDAS

**A GUERRA DESFEZ A MAIOR EQUIPE DA INGLATERRA — A HISTORIA
DO ARSENAL, O CONJUNTO QUE REVOLUCIONOU O FOOTBALL**

(Do B. N. S.)

LONDRES — O Arsenal Club é tido como possuindo a equipe de football mais conhecida no mundo todo. Em cidades separadas por milhares de milhas marítimas, em países falando idiomas diferentes o homem comum, amante dos esportes, procura no seu jornal do sábado o resultado do match semanal do Arsenal. Essa situação ocupada por uma equipe esportiva é única pois os seus componentes são internacionalmente mais conhecidos do que muitos estadistas que regem os destinos dos países onde são discutidas as proezas dos jogadores.

A fama do Arsenal data de começos de 1930 quando, adotando uma nova tática revolucionária de jogo, os seus jogadores bateram todos os "records" com um número de pontos jamais alcançado na liga do football profissional britânico, em que é jogado o melhor football mundial todas as semanas. A sua equipe, depois de 930, venceu os maiores campeonatos da Grã-Bretanha, e esse sucesso foi devido principalmente à nova tática introduzida no jogo, chamado o Jogo do Terceiro Back. Poucos países, além da Grã-Bretanha, jogam esse novo football muito embora o football association seja um dos esportes mais internacionalmente populares. Mas uma vez terminada a guerra é possível que as equipes britânicas transportando o jogo para a Europa como o fizeram em 900 (quando o juiz atuou

com cartola e smocking) ensinem aos outros teams esse novo estilo de jogo.

Oo football de tempo de guerra, na Grã-Bretanha, não tem o mesmo padrão de anteriormente. De fato, as melhores equipes se desfizeram, os jogadores servem nas forças armadas. Declarou-se que a equipe de época de paz, do Arsenal, disputando um do seus matches regulares dos sábados, batera qualquer team internacional, de qualquer parte do mundo, mesmo a despeito desse team não contar senão quatro ou cinco internacionais britânicos. As assistências de tempo de guerra são restritas, de outra parte, porquanto não é recomendável que uma multidão de milhares de pessoas fique exposta a ataques aéreos.

Felizmente a superioridade aerea atual dos aliados levou as autoridades a afrouxar algumas das suas ordens e foi concedida permissão a uma turba de 65.000 pessoas, esta estação esportiva, para ver o que os ingleses supõem ser a última disputa da taça em tempo de guerra.

O football ainda continua a ser jogado com furor pelos clubes pertencentes à liga britânica. E, terminado o conflito, é provável que muitos desses clubes levem o jogo para que o conheçam os demais povos europeus, tal como os compatriotas dos seus jogadores estão atualmente lhes levando a libertação.

Penta-campeões os mineiros

